

O BANCÁRIO

O único jornal diário dos movimentos sociais no país

Edição Diária 9093 | Salvador, quarta-feira, 28.05.2025

Presidente em exercício Elder Perez



ULTRALIBERALISMO

Trabalhar até quebrar

A cobrança por produtividade cobra um preço alto, a saúde dos trabalhadores. Em quatro meses de 2025, as ações por burnout

cresceram 14,5% no Brasil. Quando o lucro vem antes de tudo, o corpo cede e a mente colapsa. A pressão vira doença. Página 3

FOTOS: MANOEL PORTO

Dia de luta por melhorias no BNB

Página 3



O alto preço da produtividade

Os processos relacionados ao Burnout comprovam a exaustão do trabalhador

ANA BEATRIZ LEAL
imprensa@bancariosbahia.org.br

O AUMENTO das ações trabalhistas relacionadas ao burnout, que cresceram 14,5% nos primeiros quatro meses em 2025 em comparação com o ano passado, revela que o esgotamento físico e mental gerado pelo excesso de trabalho se confirma como um problema grave do mundo moderno, que exige uma alta produtividade.

De janeiro a abril do ano passado, 4.585 novos processos foram registrados, já no mesmo período de 2025 o número saltou para 5.248. Reflexo do modelo ultraliberal que prioriza resultados acima da saúde. Pela lógica, o valor do trabalhador é medido pela capacidade de produção.



A síndrome de burnout, esgotamento crônico reconhecido pela OMS (Organização Mundial da Saúde) desde 2022, é consequência da cobrança excessiva das empresas. Em um “pisar de olhos”, a pressão pela produtividade se transforma em assé-

dio moral e adoecimento.

A exploração desenfreada, a dor psíquica e física são ignoradas pelas empresas. O trabalhador acaba por ficar invisível, até ingressar com processos judiciais, que, em muitos casos, não repara os danos, sobretudo os psicológicos.



NR-1 muda: saúde mental é direito

A NOVA atualização da Norma Regulamentadora nº 1 (NR-1) obriga as empresas a incluírem riscos psicossociais nas políticas de saúde e segurança do trabalho. Antes, apenas riscos físicos, químicos e ergonômicos eram considerados.

Agora, com o reconhecimento do impacto que ambientes tóxicos causam na saúde mental, abre-se espaço para que empresas sejam responsabilizadas e pressionadas a promover ambientes mais saudáveis.

Dados do INSS mostram a gravidade do cenário: os afastamentos por ansiedade e episódios depressivos aumentaram 67% em 2024, comparado ao ano anterior, somando 472,3 mil casos.

Pensar fora da lógica capitalista é urgente. Prevenir o adoecimento é mais barato e eficaz do que remediar. Trabalhadores saudáveis entregam mais, e o cuidado com a saúde mental precisa ser visto como compromisso coletivo.

A infelicidade é produto do sistema

INFELICIDADE no trabalho virou regra silenciosa. Muitos ambientes se transformaram em fábricas de frustração, onde o excesso de tarefas, a ausência de reconhecimento e a pressão destroem qualquer traço de satisfação. O expediente termina, mas o mal-estar persiste, mostrando que não se trata apenas do local, mas de como é tratado, diariamente, sem pausas ou escapatórias.

A insatisfação está na sobrecarga, na falta de perspectiva, na cultura tóxica e, principalmente, na violência simbólica que silencia quem ousa reclamar. Comentários agressivos, assédios velados, micro agressões e a competitividade criam um campo minado que afasta o prazer, adoce o corpo e destrói a mente.

Não são raros os casos de quem abandona projetos, sonhos e até carreiras, simplesmente para preservar o pouco que ainda resta de si. Perceber a infelicidade exige coragem, e reagir é um ato político e de autopreservação.



A insatisfação sobrecarrega

Bilhões em megabytes

EMPRESAS de tecnologia investiram US\$ 2,85 bilhões (R\$ 15,82 bilhões) em 2024 na aquisição de usuários por meio de aplicativos no Brasil, tornando o país o quarto maior mercado do mundo no segmento. Enquanto isso, essas mesmas empresas pressionam para adiar a atualização da NR-1, que trata da saúde e segurança no trabalho.

A contradição escancara a lógica do lucro acima de tudo. Há dinheiro de sobra para captar as pessoas, mas falta compromisso com condições dignas para quem mantém a engrenagem digital funcionando: os trabalhadores, cada vez mais precarizados.



Caixa aposta no esporte nacional

O ANÚNCIO de R\$ 160 milhões da Caixa ao esporte paraolímpico brasileiro até 2028 não é apenas valor monetário, mas uma declaração política de um banco público que escolhe investir em gente, inclusão e soberania esportiva.

O Brasil é hoje potência paraolímpica. Não por acaso, mas por projeto. São mais de duas décadas de investimento contínuo, mais de R\$ 500 milhões que formaram campeões e consolidaram o país entre os 10 maiores do mundo. Cada medalha é fruto de políticas bem orientadas, que entende o esporte como ferramenta de emancipação, e não espetáculo descartável.

A Caixa, ao lado das Loterias, sustenta uma rede de 67 centros de referência espalhados pelo país, democratizando o acesso ao esporte para milhares de jovens com deficiência. É o braço estratégico do Estado, que amplia direitos, promove a diversidade e fortalece o orgulho nacional com políticas públicas que a iniciativa privada jamais bancou.

Trabalho digno é saúde

De preto, funcionários e Sindicato pressionam o banco por melhorias

REDAÇÃO
imprensa@bancariosbahia.org.br

NÃO é de hoje que a rotina nas agências bancárias se tornou um campo minado para a saúde mental. Pressões por metas inalcançáveis, jornadas estendidas e ausência de estrutura adequada adoecem silenciosamente quem sustenta a operação dos bancos. É o caso do BNB, onde o número de afastamentos por transtornos mentais não para de crescer.

Foi por isso que, ontem, o Sindicato da Bahia, ao lado da Federação da Bahia e Sergipe e da CTB (Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil), realizou ato em frente à Superintendência do BNB, no Costa Azul. A mobilização cobrou condições dignas de trabalho, ergonomia nos postos e respeito à saúde dos funcionários, básico, mas ainda negligenciado.

A diretora do Sindicato, Jane Marques, o total de afastamentos no banco contabiliza mais de 16 mil dias. Cerca de um quarto dos trabalhadores recorreu ao INSS por conta de doença mental. Os dados alarmantes apontam para uma realidade insustentável: gente adoecendo porque o trabalho adoce.

Enquanto o BNB anuncia contratações na área de TI, os sistemas continuam falhando. Resultado? Sobra para quem está na ponta, tentando dar conta de tudo sem apoio, sem estrutura, sem sequer equipamentos ergonômicos adequados. A precarização é estrutural e humana.

Por isto, o papel do movimento sindical é essencial. Não

se trata apenas de salários ou benefícios, mas da defesa da saúde, da dignidade e da vida dos funcionários. Bancários precisam de suporte, não de metas que esgotam. O BNB tem uma missão estratégica para o desenvolvimento do Nordeste, mas nenhum desenvolvimento será possível sem cuidar de quem faz o trabalho acontecer.

MANOEL PORTO



MANOEL PORTO



Sindicato e Federação da Bahia e Sergipe em ato por melhorias nas condições de trabalho no BNB

Dieese: 70 anos ao lado dos trabalhadores

O **DIEESE** (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) celebra sete décadas de contribuição fundamental para o movimento sindical e os trabalhadores brasileiros. Criado em 1955, surgiu com o objetivo de fornecer dados e pesquisas que fortalecessem a capacidade dos sindicatos em negociar melhores condições de trabalho e garantir direitos para os brasileiros.

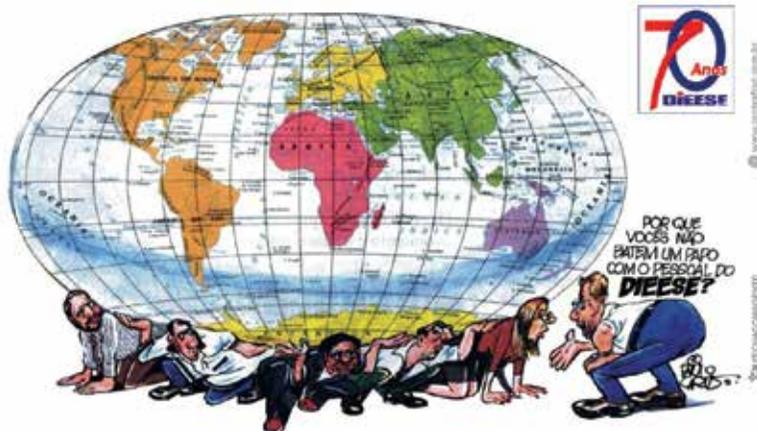
Ao longo dos anos, a ins-

tituição se consolidou como um dos maiores símbolos de

luta por justiça social e equidade no país, uma instituição

essencial na formulação de estratégias de negociação, principalmente em discussões de reajustes salariais e direitos trabalhistas.

A credibilidade conquistada ao longo de 70 anos é utilizada por governos, empresas, acadêmicos e outras organizações no Brasil e no mundo. Hoje, é uma instituição de utilidade pública, com presença em todo o território nacional. Com 17 escritórios regionais e cerca de 50 subseções em entidades sindicais.



Quando o medo ocupa a sala de aula

Agressões saíram de 3,7 mil para 13,1 mil em apenas 10 anos. Números assustam

CAMILLY OLIVEIRA
imprensa@bancariosbahia.org.br

O AVANÇO da extrema direita e do discurso de ódio, da misoginia, xenofobia, atinge em cheio os jovens brasileiros. O reflexo é observado nas escolas, onde a violência explodiu e transformou as salas de aula em espaços de trauma, medo e abandono.

Em vez de livros e cuidado, alunos encontram agressões e abusos. Em 10 anos (2014/2024), os casos saltaram de 3,7 mil para 13,1 mil, segundo a Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), com dados do Ministério dos Direitos Humanos.

As agressões físicas lideram o ranking (50%), seguidas por violência psicológica (23,8%) e sexual (23,1%). Em mais de um terço das ocorrências, o agressor é alguém próximo, como amigo, colega ou conhecido. Não se trata de violência que invade a escola, mas de um ambiente que adocece de dentro para fora, alimentado por ódio e impunidade.

O colapso gera outras problemáticas, como a desvalorização do professor, racismo ignorado, misoginia naturalizada, escolas sucateadas e a ausência completa de políticas eficazes. Enquanto grupos de crimes virtuais recrutam adolescentes, a sociedade empurra a crise com a barriga.

O colapso gera outras problemáticas, como a desvalorização do professor, racismo ignorado, misoginia naturalizada, escolas sucateadas e a ausência completa de políticas eficazes. Enquanto grupos de crimes virtuais recrutam adolescentes, a sociedade empurra a crise com a barriga.



O medo em sala de aula avança com o discurso intolerante da extrema direita. Alunos agora são reféns em um lugar que seria de acolhimento

Bruno Reis, o prefeito que detesta a educação

A SITUAÇÃO é ridícula, humilhante e inconstitucional. Há 22 dias, os professores de Salvador lutam pelo que é de direito: o Piso Nacional do Magistério, garantido

por lei e negado pelo prefeito Bruno Reis (União Brasil).

A APLB-Sindicato, entidade da categoria, pressiona o gestor que, no entanto, afirma não poder dar garantias do atendimento da reivindicação. O salário dos professores está defasado em 58%, ou seja, recebem menos da metade do que é assegurado por lei.

O secretário do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte da Bahia, Augusto Vasconcelos, apoia o movimento. “Na condição de professor e filho de uma professora de escola pública, acho legítima a luta dos profissionais da educação pelo cumprimento da lei do piso salarial”.



Professores lutam por melhorias em Salvador



SAQUE

Rose Lima

DIPLOMATA DO GOLPE Eduardo Bolsonaro resolveu inovar. Trocou o plenário por curso intensivo de diplomacia, mas de forma tosca. Atua como embaixador da chantagem, sugerindo sanções a ministros do STF. Tudo em nome da “liberdade de expressão”. O Supremo, porém, já traduziu: coação com sotaque de golpe. Talvez seja hora de trocar o passaporte por um bom advogado.

MEDO DE VOAR Eduardo Bolsonaro teme voltar ao Brasil. Tem medo da prisão. A valentia golpista virou covardia internacional. Quem manda brincar de ameaçar ministro da Suprema Corte e usar o passaporte como escudo? Com tantos crimes pendentes, é compreensível. O 03 não quer ser o primeiro Bolsonaro a ter que fazer live trancado em quatro paredes.

FAMÍLIA TRAMBIQUE Mais uma vez, a família Bolsonaro usa o que resta de influência política para tentar sabotar instituições, agora em escala global. A trama envolve chantagem, ameaças, lobby internacional e o velho delírio de golpe. É a milícia da *fake news* tentando virar diplomacia do ódio. O Brasil não precisa de inimigos externos quando já tem os próprios filhos do ex-presidente agindo como agentes contra o Estado de Direito.

EDUCAÇÃO IGNORADA Há 22 dias, os professores de Salvador enfrentam o descaso do prefeito Bruno Reis, que ignora o Piso Nacional do Magistério, uma lei que ele parece considerar opcional. Com salários defasados em 58%, os educadores recebem menos da metade do que deveriam. Enquanto isso, o prefeito segue dando aula...de desrespeito. Educação pública? Só se for para fazer de conta.

ORLA VENDIDA Enquanto ignora os direitos dos professores, o prefeito Bruno Reis tem sido rápido em entregar a orla de Salvador para empresas privadas. A Constituição que se vire. Afinal, quem precisa de uma cidade com educação de qualidade quando se pode ter praias vendidas para o proveito de poucos. Se privatizar o que é público é o futuro, Salvador já está no caminho.